

**EXTENSÃO E INTERCULTURALIDADE: contribuições para a extensão universitária numa perspectiva decolonial**

EXTENSIÓN E INTERCULTURALIDAD: contribución a la extensión universitaria en una perspectiva decolonial

EXTENSION AND INTERCULTURALITY: contributions to university extension in a decolonial perspective

Fábio Geraldo de Ávila<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-1848-6101>

Ana Lúcia Silvestre<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-0115-455X>

Flavio Oliveira Santos<sup>3</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-2264-9308>

Camila Claudiano Quina Pereira<sup>4</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-6607-529X>

**Resumo:**

O objetivo deste artigo é relatar a experiência resultante da atuação em três edições do Programa Expedição do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS), em que desenvolvemos atividades extensionistas na cidade de Espírito Santo do Dourado-MG, nos anos de 2017 a 2019. No âmbito deste programa, tivemos contato com os dilemas socioculturais enfrentados pela comunidade advinda do processo migratório que ocorre no município, onde há um fluxo intenso de famílias das regiões Norte e Nordeste, as quais têm sido atraídas por oferta de trabalho em lavouras de morango e se deslocado para o município. Mesmo

1 Doutorando em Educação, Conhecimento e Sociedade. Mestre em Bioética. Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [fageavila@gmail.com](mailto:fageavila@gmail.com); Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5555689965117482>.

2 Doutoranda em Educação, Conhecimento e Sociedade. Mestra em Políticas Públicas para Educação Profissional. Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [ana.silvestre@ifsuldeminas.edu.br](mailto:ana.silvestre@ifsuldeminas.edu.br); Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0440697318916648>.

3 Mestrando em Educação Ambiental e Científica. Universidade Federal de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [flavioliveira.santos@ifsuldeminas.edu.br](mailto:flavioliveira.santos@ifsuldeminas.edu.br); Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7947293898382445>.

4 Doutora em Psicologia Social. Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [camilacquina@gmail.com](mailto:camilacquina@gmail.com); Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8910015334487551>.

**Como referenciar este artigo:**

ÁVILA, Fábio Geraldo de; SILVESTRE, Ana; SANTOS, Flavio Oliveira; PEREIRA, Camila Claudiano Quina. Extensão e interculturalidade: contribuições para a extensão universitária numa perspectiva decolonial. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 24, p. 1-24, ano 2022.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v24i1.7107>

não constando nas demandas que o município apresentou ao programa, ao identificarmos este fenômeno, direcionamos nossas ações com o objetivo de contribuir com aquela comunidade na compreensão das diferenças culturais como elementos agregadores àquela sociedade, utilizando-se de metodologias de educação popular em interlocução com a perspectiva decolonial, em que, orientados pela interculturalidade crítica, buscamos desenvolver as ações extensionistas para se conduzir uma interlocução com a comunidade na busca por contribuir para a difusão da valorização da diversidade, do pluralismo e do princípio inclusivo. Nesse cenário, obtivemos adesão da comunidade local e apoio da gestão municipal, o que possibilitou que retornássemos nos dois anos seguintes contribuindo para que se desenvolvesse um trabalho continuado.

**Palavras-chave:** Extensão. Imigração. Perspectiva decolonial. Interculturalidade.

**Resumen:**

El objetivo de este artículo es relatar la experiencia resultante de la actuación en tres ediciones del Programa de Expedición del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología del Sur de Minas Gerais, en las que desarrollamos actividades de extensión en la ciudad de Espírito Santo do Dourado-MG, de 2017 a 2019. En el ámbito de este programa, tuvimos contacto con los dilemas socioculturales que enfrenta la comunidad derivados del proceso migratorio que se desarrolla en el municipio, donde existe un intenso flujo de familias de las regiones Norte y Nordeste, las cuales han sido atraídas por la oferta de trabajo en plantaciones de fresa y se mudado al municipio. Si bien no estaba incluido en las demandas que el municipio presentó al programa, cuando identificamos este fenómeno encaminamos nuestras acciones con el objetivo de contribuir a esa comunidad en la comprensión de las diferencias culturales como elementos agregadores de esa sociedad, utilizando metodologías de la educación popular en diálogo con la perspectiva decolonial, en la que, guiados por la interculturalidad crítica, buscamos desarrollar acciones de extensión para dialogar con la comunidad en la búsqueda de contribuir a la difusión de la valoración de la diversidad, el pluralismo y el principio inclusivo. En este escenario, obtuvimos el apoyo de la comunidad local y el apoyo de la gestión municipal, lo que nos permitió regresar en los siguientes dos años, contribuyendo al desarrollo del trabajo continuado.

**Palabras clave:** Extensión. Inmigración. Perspectiva decolonial. Interculturalidad.

**Abstract:**

This paper aims to report the experience resulting from the performance in three editions of the Expedition Program of Federal Institute of Education, Science and Technology of the South of Minas Gerais (IFSULDEMINAS), in which we developed extension activities in the city of Espírito Santo do Dourado - MG, from 2017 to 2019. In the scope of this program, we had contact with the socio-cultural dilemmas faced by the community arising from the migratory process that occurs in the municipality, where there is an intense flow of families from the North and Northeast regions. These families have been attracted by the offer of work in strawberry plantations and moved to the municipality. Even though it is not included in the demands that the municipality presented to the program when we identify this phenomenon, we directed our actions to contribute to that community in the understanding of cultural differences as aggregating elements of that society. We have used popular education methodologies in dialogue with the decolonial perspective, in which, guided by critical interculturality, we seek to develop extension actions to conduct a dialogue with the community in the search for contributing to the diffusion of the appreciation of diversity, pluralism, and the inclusive principle. In this scenario, we obtained support from the local

community and support from the municipal management, which made it possible for us to return in the following two years, contributing to the development of continued work.

**Keywords:** Extension. Immigration. Decolonial perspective. Interculturality.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é relatar a experiência em três edições do Programa Expedição da Pró-Reitoria de Extensão do IFSULDEMINAS, que aconteceram nas férias escolares de julho dos anos de 2017, 2018 e 2019, no município de Espírito Santo do Dourado-MG, onde ocorre um fluxo migratório em que imigrantes advindos das regiões Norte e Nordeste se deslocam para o município para trabalhar na lavoura do morango. Em uma perspectiva decolonial, argumentamos que a prática extensionista é passível de valorizar a interculturalidade por possibilitar aos discentes e docentes o encontro de saberes: de um lado, o teórico, técnico e científico; de outro, o conhecimento proveniente da experiência em viver em determinados contextos culturais, sociais e econômicos, que, muitas vezes, contradizem o conhecimento que se produz nos bancos da universidade.

Para isso, abordamos questões advindas dos dilemas estabelecidos pelo processo de imigração que, a partir da atuação na extensão universitária, levou-nos a observar as interações entre a população imigrante e os sul-mineiros, relações marcadas pela reprodução da subalternidade, condição intrinsecamente ligada à subsistência dos imigrantes em busca de oportunidade de trabalho nas lavouras de morango do município. Ao nos depararmos com esta realidade, buscamos promover uma atuação orientada por metodologias de educação popular, numa perspectiva decolonial e intercultural, objetivando interagir com os atores sociais na direção de contribuir para a compreensão das diferenças como elemento agregador para aquela microssociedade.

Esta perspectiva nos chama a participar do processo de quebra das correntes que sustentam estas fronteiras, formadas ao longo da história por elos ideológicos, subjetivos, políticos e econômicos. É por este processo, que certamente passa pela educação, que a perspectiva intercultural se interessa em contribuir com mudanças individuais e coletivas que possibilitem desmistificar preconceitos incrustados e atitudes estigmatizadas.

Neste sentido, as atuações no Programa Expedição representaram importante espaço de interação universidade/comunidade, ao passo que, ao desenvolver três edições do programa no município, estabelecemos uma relação construtiva com o poder público municipal e com a comunidade imigrante, relações estas que se consolidaram por meio das ações que foram bem recebidas, pensadas a partir da realidade que vivenciam nas suas relações cotidianas.

### **1 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE/ DECOLONIALIDADE**

Serrano (2013) destaca que a extensão universitária possibilita o encontro do saber produzido no interior das universidades com o conhecimento proveniente da cultura local. Tal metodologia reconhece que existem processos educacionais que não são passíveis de serem produzidos e vivenciados no campus acadêmico, por isso a necessidade de outras metodologias que abarquem a comunidade como um lugar para produção de conhecimento.

A autora complementa ainda que a prática extensionista corresponde ao início de uma trajetória acadêmica que pretende contribuir para a transformação da sociedade, a transformação do acadêmico e sua relação com os outros “fazer” acadêmicos – ensino e pesquisa (SERRANO, 2013).

Portanto, na dimensão universitária participamos de diversos momentos que envolvem atividades de ensino, pesquisa e de extensão. Esta última é a atividade compreendida nas ações pensadas para atuação em prol da comunidade, na busca de respostas para os problemas reais, que não está dissociada das atividades de ensino e pesquisa, mas que convergem constantemente, por exemplo, quando se faz uma avaliação diagnóstica utilizando os conhecimentos apreendidos, projetando ações que contribuam para o desenvolvimento de práticas educativas e investigativas de geração e adaptação de soluções para as demandas sociais e necessidades cotidianas, que vão entrelaçar o ensinar e o pesquisar com a prática extensionista. Assim, na extensão se produz e reproduz conhecimento que visa à transformação que pode alcançar a todos envolvidos.

Em reconhecimento à importância da extensão universitária e enfatizando o seu papel, o Fórum de Pró-Reitoras(es) das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras (FORPROEX), em seu 43º encontro, em 2018, elaborou a Carta-Manifesto de Natal, na qual ressalta:

[...] com vistas ao fortalecimento das ações extensionistas articuladas com os movimentos sociais, povos originários, comunidades tradicionais e de culturas historicamente marginalizadas, o Fórum estabelece o pacto de, por meio da extensão, contribuir para o combate aos processos de subalternidade e racismo estrutural, de modo a incorporar, no meio acadêmico, outros modos de pensar e agir no mundo. (FORPROEX, 2018, p. [1]).

Assim sendo, no debate da complexidade educacional, a interculturalidade tem se constituído como perspectiva pautada na interação e nas relações com a diversidade sociocultural no cotidiano. Esta grande diversidade sociocultural, na qual a sociedade contemporânea é constituída, ergue barreiras entre os grupos étnicos e sociais que provocam distanciamento, incompreensões e conflitos. Estas barreiras precisam ser rompidas num exercício de respeito às diferenças e de percepção do outro como alguém com direito à sua singularidade ou mesmo às suas escolhas.

Hall (2004) aponta que a ideia de multiculturalismo está disseminada em variadas práticas sociopolíticas articuladas, que são lançadas para se lidar com uma sociedade multicultural, destacando que várias vertentes ideológicas vão se apropriar da temática. O autor elucida a existência de um multiculturalismo conservador, que se vale da homogeneização e repressão à diversidade; um pluralista, no qual se reconhecem os grupos distintos, mas não necessariamente converge em mudanças nos processos de gestão em direção à equidade; um comercial, em que se enxerga na diversidade a possibilidade de novas fronteiras para exploração do mercado; e o multiculturalismo crítico ou revolucionário, em que o reconhecimento da diversidade é ponto de partida para o fomentar a tomada de consciência para uma transformação social.

Para Candau (2008),

[...] a nossa formação histórica está marcada pela eliminação física do “outro” ou por sua escravização, que também é uma forma violenta de negação de sua alteridade. Os processos de negação do "outro" também se dão no plano das representações e no imaginário social. Neste sentido, o debate multicultural na

América Latina nos coloca diante da nossa própria formação sociohistórica, da pergunta de como nos construímos socioculturalmente, o que negamos e silenciámos, o que afirmamos, valorizamos e integramos na cultura hegemônica. A problemática multicultural nos coloca de modo privilegiado diante dos sujeitos históricos que foram massacrados, que souberam resistir e continuam hoje afirmando sua identidade, lutando por seus direitos de cidadania plena na nossa sociedade, enfrentando relações de poder assimétricas, de subordinação e exclusão. (CANDAU, 2008, p. 17).

A autora considera que as particularidades da formação sócio-histórica e cultural brasileira fazem com que o multiculturalismo conduzido por aqui proceda das formulações eurocêntricas. Candau (2008, p. 21) identifica ainda um multiculturalismo assimilacionista, “em que não se mexe na matriz da sociedade procura-se integrar os grupos marginalizados e discriminados aos valores, mentalidades e conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica”.

Um multiculturalismo diferencialista também se verifica numa monocultura plural com base num reconhecimento das diferenças. Essa perspectiva para “garantir a expressão das diferentes identidades culturais presentes num determinado contexto afirma ser necessário garantir espaços próprios e específicos em que estas se possam expressar com liberdade, coletivamente” (CANDAU, 2008, p. 21). Isso seria uma garantia para a manutenção de suas raízes, mas também produziria comunidades culturais homogêneas e segregadas, o que a autora classifica como “verdadeiros apartheid socioculturais” (CANDAU, 2008, p. 22). Estas duas vertentes seriam as mais disputadas em nossa sociedade contemporânea.

Em contrapartida, Candau (2008) se filia a um outro multiculturalismo, que considera que a interação se dá num processo dinâmico, relacional, comunicativo e de aprendizagem entre culturas que, quando em condições de respeito e simetria entre elas, condiciona-as a um verdadeiro encontro que pressupõe a abertura e o diálogo. E no diálogo com o outro que é diferente, ambos sofrem influência e exercem influência mutuamente. Esta concepção difundida como interculturalidade reconhece que as culturas não são mais puras no mundo contemporâneo globalizado ao se considerar que a interação entre elas é um fator inegável que produz aculturação e conseqüentemente mudanças. Outrossim, caracteriza-se pelas inter-relações, por conceber as culturas em constante processo de resignificação, por considerar os mecanismos de poder e controle social que incidem

sobre elas e por afirmar e problematizar a diferença e a desigualdade, reconhecendo formatações diversas em face à complexidade sociocultural, e confere “considerá-la mais adequada para a construção de sociedades democráticas, pluralistas e inclusivas, que articulem políticas de igualdade com políticas de identidade” (CANDAU, 2008, p. 22).

A interculturalidade tem encontrado espaço de difusão na América Latina, no bojo do pensamento decolonial, que se preocupa em desmistificar e combater as forças de domínio colonialista e imperialista que mantêm suas confluências por meio da colonialidade que “sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal” (QUIJANO, 2009, p. 73), em que a colonialidade é herança do sistema colonial que reproduz a dominação dos países centrais sobre as ex-colônias. Walsh (2019) aponta a interculturalidade como elemento do projeto de descolonização:

[...] na América Latina, e particularmente no Equador, o conceito de Interculturalidade assume significado relacionado a geopolíticas de lugar e espaço, desde a histórica e atual resistência dos indígenas e dos negros, até suas construções de um projeto social, cultural, político, ético e epistêmico orientado em direção à descolonialização e à transformação. Mais que a simples ideia de inter-relação (ou comunicação, como geralmente se entende no Canadá, Europa e Estados Unidos), a interculturalidade aponta e representa processos de construção de um conhecimento outro, de uma prática política outra, de um poder social (e estatal) outro e de uma sociedade outra; uma outra forma de pensamento relacionada com e contra a modernidade/colonialidade, é um paradigma outro, que é pensado por meio da práxis política. (WALSH, 2019, p. 9).

Walsh (2019) é uma expoente que tem se dedicado à temática, em especial a uma pedagogia de(s)colonial. Candau recupera de Walsh as bases para a defesa da interculturalidade nas práticas educacionais na direção de uma

[...] negociação cultural que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas. (CANDAU, 2008, p. 23).

Na direção da educação intercultural:

[...] pode-se mesmo confirmar que o debate intercultural colocado em prática na sala de aula colabora de modo concreto para a elaboração do senso crítico de crianças e jovens em relação à história indígena e afro-brasileira, tornando-se assim uma experiência política inusitada e formativa de uma nova visão de mundo. Só assim, nos parece, é possível superar as visões colonialistas e preconceituosas, abrindo a porta para uma nova caminhada com esses povos e comunidades. (ALTMANN; ZWEETSCH, 2021, p. 99).

No campo das disputas dos Projetos-Políticos Pedagógicos, a interculturalidade afirma a diferença como fator fundamental de convergências e não algo a ser superado, sendo as desigualdades, sim, fator de superação. A promoção de uma educação pautada na perspectiva intercultural contribui para o reconhecimento mútuo da diferença, de modo a convergir as diferentes perspectivas culturais, cognitiva/epistêmica, para a articulação de processos que afirmam a igualdade e a diferença na construção de uma democracia na qual os diferentes sujeitos e saberes estejam reconhecidos.

Nesta perspectiva, a extensão universitária propõe o encontro da universidade com as comunidades para se conduzir a troca de conhecimentos e saberes, e tem se valido dessa perspectiva em que a prática extensionista direcionada à perspectiva intercultural contribui para aprofundar a visão de que, na extensão, as atividades que valorizam a troca mútua de conhecimento prevalecem para construir saberes que sejam traduzidos tanto para a universidade quanto para a comunidade local. Dessa forma, predomina-se a valorização dos espaços comunitários como lócus de construção do conhecimento que a extensão universitária perfaz, interligada às necessidades mútuas desses ecossistemas que convergem interculturalmente na igualdade e na diferença, na busca pela superação da dominação pelo conhecimento.

## **2 PERCURSO METODOLÓGICO**

Tratando-se de um relato de experiência, este estudo tem caráter qualitativo e descritivo. Nesse contexto, a pesquisa qualitativa no campo educacional contribui para a análise dos fenômenos educativos em uma abordagem não isolada, em que o pesquisador busca qualificar os dados que obtém por um leque de possibilidades, para além de dados meramente quantitativos (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Assim, numa pesquisa qualitativa

[...] destaca-se, em primeiro lugar, a utilização do ambiente natural como fonte direta para obtenção de dados e tem no pesquisador seu principal instrumento de busca de informações. No que tange aos dados coletados, os mesmos são predominantemente descritivos, isto é, ricos em transcrições de pessoas, situações, acontecimentos, entrevistas, depoimentos, as quais subsidiarão os esclarecimentos dos pontos de vista (SANT'ANA; LEMOS, 2018, p. 534).

Objetivamos descrever nossas atuações e reflexões no Programa Expedição (IFSULDEMINAS), momentos ricos que se constituíram em uma experiência significativa para nossa compreensão das possibilidades de interação com as comunidades e seus conflitos que se desencadearam dos diagnósticos que traçamos, levando-nos a recorrer a educação popular em diálogo com perspectivas decoloniais para fundamentar nossas estratégias.

O IFSULDEMINAS foi criado a partir da junção das Escolas Agrotécnicas Federais de Inconfidentes, Machado e Muzambinho em 2008. Os Institutos Federais têm como vocação legal, instituída pela Lei nº 11.892 (BRASIL, 2008), empenhar-se em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão direcionadas ao desenvolvimento socioeconômico regional e local.

O Programa Expedição propõe aos servidores do IFSULDEMINAS, anualmente, apresentar propostas de projetos de atuação, que se caracterizem como atividades de extensão, para serem executadas durante uma semana, nas férias de julho, em cidades sul-mineiras que se inscrevem em chamada pública. Tendo o servidor sua proposta aprovada, este constitui uma equipe com outros servidores, discentes e colaboradores externos para executar sua ação extensionista com base nas propostas apresentadas.

Nossa incursão no Programa Expedição, iniciativa da Pró-Reitoria de Extensão do IFSULDEMINAS, um programa de extensão universitária que se inspira no Projeto Rondon, possibilitou articular a participação de servidores e estudantes do campus Poços de Caldas deste instituto em três edições do programa.

A escolha de desenvolver uma proposta para o município de Espírito Santo do Dourado - MG se deu a partir de contatos que fizemos com os municípios participantes com o intuito de estabelecer vínculos e melhor compreender a realidade destes. Assim, ao contarmos o Centro de Referências em Assistência Social (CRAS) do município, foi nos relatada a questão dos imigrantes e das dificuldades da gestão municipal em atender a esta

população. A imigração em questão é decorrente da grande demanda por mão de obra em lavouras de morango no município, que tem atraído famílias provenientes dos estados do Tocantins e Maranhão, em sua maioria.

É importante destacar que, das demandas apontadas pelo município, a serem trabalhadas no Programa, a questão imigratória não constava explícita, o que aponta para a invisibilidade ou apagamento da questão no âmbito municipal. Tal situação exigiu que nossa proposta de atuação viesse a encontrar nas demais demandas do município pontos de apoio para a direcionar ações de abordagem da questão intercultural, as quais deveriam ser trabalhadas entremeadas às questões sugeridas pelo município. Foram realizadas visitas precursoras do programa para que a equipe idealizadora pudesse, a partir do contato com os atores locais, investigar e identificar os principais problemas e, em atuação conjunta, detalhar as ações a serem desenvolvidas.

A equipe foi constituída por servidores e estudantes dos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, Geografia, Gestão Ambiental, Gestão Comercial e Bacharelado em Engenharia da Computação do campus Poços de Caldas do IFSULDEMINAS, além de colaboradores externos que vieram a preencher lacunas das nossas propostas de atuação, algumas das quais não conseguimos atender com membros de nossa comunidade acadêmica.

Atuamos no Programa no ano de 2017 e, posteriormente, retornamos em 2018 e 2019. As ações extensionistas que desenvolvemos no ano precursor foram base para os anos subsequentes. Assim, o projeto executado em 2017, intitulado “A transformação populacional do município de Espírito Santo do Dourado com a cultura do Morango”, proporcionou o contato com a realidade concreta do município e possibilitou que, nos retornos em 2018 e 2019, com os projetos “A integração da diversidade cultural por intermédio do desenvolvimento humano e local - Espírito Santo do Dourado MG: A cidade do morango” e “Culturas em (re) leituras e (re) construção: uma festa regada a morangos”, respectivamente, se constituísse num trabalho extensionista continuado.

Portanto, atuamos em eixos temáticos focados nos públicos a serem atendidos por meio da oferta de cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC), oficinas, rodas de conversas, apresentações de cunho recreativo e educativo e também palestras.

Nosso público-alvo, desde o primeiro ano de atuação, compõe-se de servidores públicos das políticas de educação e assistência social; de estudantes desde a educação infantil até os secundaristas; de pessoas atendidas pela política de assistência social usuárias do CRAS Municipal; de agricultores familiares; e, por conseguinte, no bojo da amplitude deste público, alcançamos trabalhadores imigrantes e seus familiares, ora seus filhos nas atividades desenvolvidas nas escolas, ora as mulheres no CRAS e os homens nas atividades com os agricultores etc.

Para tanto, para os servidores públicos, foram ofertados, nos três anos, cursos e palestras focados na área de liderança e desenvolvimento local, em educação inclusiva e diversidade no espaço escolar, em contação de história e psicomotricidade, em tecnologias digitais de comunicação e informação no contexto educacional e em libras básico. Com relação aos estudantes, as ações focaram a atuação educativa em recreação na educação infantil e fundamental 1 e no protagonismo estudantil no ensino médio. Neste, em especial, atuamos na oferta de curso de FIC de Redação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e de oficinas relativas a temáticas transversais, como relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade.

Com o público usuário das políticas de assistência social, promovemos ações pensadas para as populações específicas em situação de vulnerabilidade, como rodas de conversa, palestras e oficinas de artesanato, que priorizaram dar voz e espaço para expressarem suas vivências.

Já com agricultores e trabalhadores rurais, realizamos um trabalho de conscientização ambiental acerca de saneamento básico rural, fossa séptica, destinação de embalagens de agrotóxicos e da importância dos modelos agroecológicos, melicultura e preservação das nascentes.

Durante os três anos de atuação, a aderência do público-alvo se manteve estável, reiterando nossa intenção de promover uma atuação continuada. Nesse sentido, atendemos, aproximadamente, 900 pessoas em 2017, 1.140 em 2018 e 1.329 em 2019. Ao final de cada execução, os membros da equipe são convidados a responderem a um questionário sobre a experiência, e, nas semanas subsequentes, reunimos a equipe para a elaboração de relatórios finais, momento em que as vivências extensionistas são compartilhadas entre os expedicionários. Em momento posterior, a Pró-Reitoria de

Extensão do IFSULDEMINAS realiza o encontro final de todas as equipes na Reitoria, ocasião em que também é feita a socialização do trabalho desenvolvido.

Das ações realizadas, concentramo-nos sempre a atenção na abordagem de temas como a diversidade humana, inclusão e pluralidade de pensamento. Além disso, dedicamos especial atenção em problematizar nas atividades nuances implícitas ou explícitas que despontavam no decorrer das ações, nuances estas relacionadas às narrativas dos participantes sobre suas vivências as quais denotavam suas experiências de vida.

Assim buscamos, durante as atividades, desenvolver questões que se apresentavam conflituosas, as quais pudessem ser devolvidas aos participantes dialogicamente em tentativas de desconstrução/construção de saberes, em meio às questões ali apresentadas e ao conhecimento que dali podia ser debatido, refletido e apreendido. Nestes momentos, cujo significado poderia representar uma vivência de introspecção de abertura para novas compreensões da realidade, do diferente, erigia-se uma reflexão entre o tradicional e o novo.

### **3 NOSSA VIVÊNCIA DURANTE AS EXPEDIÇÕES: CONTRADIÇÕES VISTAS DE QUEM ESTÁ DE FORA**

Nas visitas precursoras do programa, foi nos relatado que imigrantes circulam durante todo o ano no município, num fluxo misto de transumância e fixação. Novos imigrantes chegam todos os meses enquanto outros que já se estabilizaram também transitam periodicamente entre as regiões. Assim, os equipamentos públicos da assistência social, da saúde e da educação, típicos de um pequeno município, sobrecarregam-se para atender à demanda crescente e sem previsibilidade.

Nesse cenário, foi constatado que, no que diz respeito às escolas, estas acabam por receber matrículas de alunos durante todo o ano letivo e, por conseguinte, as dificuldades para lidar com as demandas deste alunado flutuante foram destacadas. Não diferente, a rede de saúde é limitada, adequada a uma cidade de pequeno porte, não possuindo hospitais, mas apenas duas unidades de Estratégia Saúde da Família (ESF). Assim também, na assistência social, apenas um CRAS.

De fato, no que tange à sobrecarga, fomos entendendo que conflitos da ordem de pertencimento geram no município disputas pelo acesso a estes serviços públicos entre

imigrantes e os douradenses. Por sua vez, comprometidos em desenvolver um trabalho embasado em metodologias de projetos em educação popular na perspectiva da interculturalidade/decolonialidade, partimos para a investigação e conhecimento da realidade, e logo nos soou hipotético que as queixas de sobre-esforço da rede de saúde, assistência social e de educação do município para lidar com o intenso fluxo migratório não seriam apenas da ordem das dificuldades orçamentárias e estruturais da rede de equipamentos públicos, mas necessariamente, também, do impacto gerado entre as populações em virtude do choque de realidades socioculturais diversas no convívio cotidiano.

Percebemos que, em Espírito Santo do Dourado, estávamos diante de uma comunidade efervescente, bem diferente das pacatas pequenas cidades sul-mineiras, cuja presença dos imigrantes tem gerado alterações no cotidiano do município. Esta imigração já é registrada há aproximadamente duas décadas e a explosão no fluxo nos últimos anos tem intensificado a percepção desta ocupação dos tocantinenses e maranhenses nos espaços públicos, comunitários, isto é, da vida no município (ÁVILA, 2020).

Foi pertinente relacionar os dilemas advindos das relações humanas que ali se desenrolam com a presença dos imigrantes no município. Estas relações estão marcadas por traços de dominação e subordinação, nas quais é perceptível que o papel de subalternidade é conferido àqueles que são vistos como invasores, forasteiros e não pertencentes à sociedade douradense, ou seja, aos imigrantes que chegam desprovidos em busca de emprego e se rendem aos que lhes ofertam trabalho. Quanto ao mundo do trabalho na contemporaneidade,

[...] é possível perceber em nossa sociedade, no embate entre as diferentes classes, o desenvolvimento cada vez mais acentuado da exploração econômica, da exclusão social e da dominação política, ingredientes de um sistema que valoriza, unicamente, o capital, em detrimento do social. É consenso que a exclusão da terra e da educação contribuem para elevadas distorções sociais, incentivando a extrema e desonesta violência física e simbólica. (BICALHO, 2021, p. 5).

Como coloca Bicalho (2021), na sociedade contemporânea intensificam-se as distâncias entre as classes sociais e os papéis discrepantes assumidos no modelo produtivo de acumulação capitalista. As classes historicamente desprovidas de acesso aos meios de

produção, consecutivamente à educação e ao desenvolvimento social em suas regiões, buscam na emigração para outros estados do país, aqueles mais desenvolvidos, trabalho e renda visando a uma melhor condição de vida. Estas pessoas, entretanto, enfrentam dificuldades nos novos destinos e não estão livres de diversas formas de violência e exploração.

Já no primeiro ano em que atuamos no programa, em 2017, partimos da premissa de que o pressuposto de nossa atuação estaria em contribuir para aquela comunidade na direção de promover o valor da diversidade, no conviver em sociedade em meio às diferenças.

Trazer àquela comunidade uma contribuição nesta direção nos fez convergir para o pensamento freireano de que não seria com imposições ou convencimentos, mas por composições na condução das práticas extensionistas, que nós, expedicionários, buscaríamos imergir naquela realidade e dela problematizar com os atores em cena as questões do cotidiano. Assim:

[...] não se pode aprender, se o novo conhecimento é contraditório com o contexto do aprendiz. O educador agrônomo que não conhece o mundo do camponês não pode pretender sua mudança de atitude. A intenção [é] enfatizar os princípios e fundamentos de uma educação que promove a prática da liberdade. Esta prática não pode ser reduzida a um simples suporte técnico, mas inclui o esforço humano para decifrar-se, decifrar os outros e o contexto onde se vive. (GADOTTI, 2017, p. 5).

Constatamos que a questão imigratória não constava explicitamente nas demandas indicadas pelo município no edital do programa, exigindo que a nossa proposta de atuação buscasse, nas demandas apontadas, suporte para o direcionamento de ações de abordagem da questão intercultural, as quais deveriam ser trabalhadas de forma interligada às questões sugeridas pelo município quando da participação no Edital. A seguir, são listadas as demandas apresentadas pelo município no Edital 42/2017 do Programa Expedição IFSULDEMINAS:

- 1 - Conscientização ambiental (cuidados com nascentes e rios)
- 2 - Implantação de horta medicinal e orgânica.
- 3 - Alternativas Sustentáveis.
- 4 - Moeda social.
- 5 - Fossa ecológica.

6 - Capacitação de agricultores familiares na produção de morango.

7 - Vivências e Práticas Sustentáveis.

8 - Capacitação de servidores da educação em cursos como Libras, Redação, Inglês Básico, Educação Inclusiva.

9 - Educação Financeira. (IFSULDEMINAS, 2017, p. [20]).

Outrossim, observamos um apagamento da questão imigratória que pode ser evidenciado quando da não inclusão do tema nas demandas apontadas, bem como nas conversas iniciais com os gestores locais, já que, quando mencionados, os imigrantes não pareciam estar entre as prioridades de atuação que o município apregoava. Esta “ausência” denota o padrão de invisibilidade que se dá aos subalternizados, o que a perspectiva decolonial desmistifica que favoreceu a inversão dominadora em nossa atuação, que se pautou nas interações humanas e na interculturalidade crítica:

[...] interculturalidade implica posicionamento crítico frente à lógica eurocentrista que impregnou o pensamento latino-americano e, por conseguinte, todas as dimensões das sociedades. Em outras palavras, a interculturalidade propõe a transformação da realidade latino-americana. Trata-se de uma estratégia ética, política e epistêmica via educação, de resistência ao caráter universal do pensamento hegemônico. Assim, a interculturalidade deve ser entendida como projeto voltado à transformação estrutural e sócio-histórica para todos. (MUNSBURG; SILVA, 2018, p. 31).

No contato com os servidores públicos, entendemos que poderíamos contribuir com intervenções a partir de palestras, cursos e vivências que ocorreriam nas três intervenções realizadas. Nesse cenário, deparamo-nos com algumas situações que pareciam já naturalizadas, como o uso do termo “os Tocantins” para se referir aos imigrantes. Entretanto, também participaram douradenses empenhados em combater o xenofobismo e que demonstravam preocupação com a situação dos imigrantes no município, o que propiciou momentos de embate, mas também de muitas reflexões.

Com os grupos do CRAS, trabalhamos com oficinas que dessem atenção às vozes das pessoas envolvidas, abrindo espaço para que elas pudessem se expressar colocando em pauta suas vivências e expectativas, suas lutas e alegrias. Estes espaços foram de grande aprendizado para todos os envolvidos, e foram também os que mais trouxeram aproximação com a população imigrante adulta, por meio dos relatos sobre suas histórias de vida, desafios que enfrentam na jornada migratória e sobre o cotidiano em Espírito Santo do Dourado.

#### 4 O QUE DESENCADEIA O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DO LUGAR?

Partimos da perspectiva epistemológica decolonial de que a interculturalidade “busca nas diferenças culturais, sociais econômicas dos povos, caminhos para pensar além do eurocentrismo que promove os interesses do capitalismo”, fugindo, assim, de uma visão multiculturalista que se resume na “inclusão dos subalternizados(as) (negros(as), indígenas, deficientes, etc.) na lógica capitalista do Estado” (DULCI; MALHEIROS, 2021, p. 181). Deparamo-nos, portanto, com uma comunidade em transformação em face da expressiva imigração e buscamos interagir neste meio promovendo reencontros.

Em certas situações, como as fronteiriças, diásporas, de deslocamentos populacionais, como o caso do processo de migração, em que se vive um misto de conter e resistir, de se ter de negociar para sobreviver, em processos de interstício que são produzidas interações entre culturas, pois se vive entre diferentes, Bhabha (1998) teoriza sobre os “entre lugares”<sup>5</sup>. Estas “zonas” são criadas pelos descentramentos, quando da debilitação dos esquemas cristalizados de unidade, pureza e austeridade, que vem testemunhar a heterogeneidade das culturas nacionais no contexto das Américas e deslocar a única referência, atribuída à cultura europeia (DULCI; MALHEIROS, 2021), abrindo espaço para se entender o mestiço, o híbrido como uma terceira via, ao ser inserido em uma nova cultura, mas algo outro:

[...] o afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, local institucional, localidade geográfica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e

---

<sup>5</sup> “Entre-lugar (S. Santiago), lugar intervalar (E. Glissant), tercer espacio (A. Moreiras), espaço intersticial (H. K. Bhabha), the thirdspace (revista Chora), in-between (Walter Dignolo e S. Gruzinski), caminho do meio (Z. Bernd), zona de contato (M. L. Pratt) ou de fronteira (Ana Pizarro e S. Pesavento), o que para Régine Robin representa o hors-lieu, eis algumas entre as muitas variantes para denominar” (HANCIAU, 2005, p. 3).

contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 1998, p. 19-20).

Na dinâmica das diferenças culturais, quando algo novo entra no mundo, Bhabha (1998) descortina as bordas, as fronteiras como um outro lugar, ou melhor, entre-lugar em que não se definem limites pelas noções binárias das metanarrativas, do lugar e do não lugar, mas insurgem um outro lugar das diferenças que se entrelaçam, nas diversidades que convergem sem barreiras na complexidade da sociedade contemporânea. O encontro com o novo é um encontro que gera suturas, já que a lógica da modernidade/colonialidade é de apagar a visão de mundo do outro, suas formas culturais, de crenças e de gerir no cotidiano. Então, nestas disputas pelo poder de significar, se constrói um terceiro espaço de enunciação que não é nem um nem outro. O novo entra no mundo hibridizando, e é isso que Bhabha (1998) chama de entre-lugar.

Entretanto, nas questões de identidades culturais, Hall (2006) engloba também aspectos que são intrínsecos ao nosso pertencimento, tais como os aspectos étnicos, raciais, religiosos, regionais e/ou nacionais. A discussão sobre os processos identitários envolve uma visão de identidade como construção social que se expressa nas muitas representações dos variados povos e culturas, e é por meio da cultura que um povo se constitui, integra e identifica.

Todavia, Hall (2004) destaca a crise das identidades na modernidade tardia, em que demonstra que elas estariam descentradas e se fragmentando num processo de negociação e diferença, dirigido às diversas esferas da vida social, identificando os processos de tradução e tradição.

No primeiro, caracteriza-o nas identidades forjadas na ultrapassagem das fronteiras, em que rompem e defrontam com as identidades fortes negociando um espaço novo ao deixar sua natividade, sendo forçados a respeitar as regras do novo lugar e nunca sendo assimilados à cultura deste, pois se constituíram de uma formação híbrida. Já no conceito de tradição, em contrapartida, Hall (2004) identifica uma forte tendência de resistência ao hibridismo e consequente fortalecimento de identidades locais, nacionais e dos fundamentalismos.

Em Espírito Santo do Dourado, os imigrantes chegam e ocupam um lugar, atraídos pelas vagas de trabalho braçal nas lavouras de morango, inserem-se em uma cadeia

produtiva definida e colocada a eles, e encontram um município com oferta de trabalho e renda que não são possíveis no local de origem. Entretanto, este lugar cobra variadas faturas, que perpassam pelas dificuldades na adaptação, condições de trabalho precarizadas, limitações da capacidade do pequeno município em comportar o fluxo migratório e também pela ocorrência de manifestações preconceituosas. A esse respeito, Santos (2010) destaca que,

[...] no lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições - cooperação e conflito são a base da vida em comum. Por que cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e por que a contiguidade é criadora da comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática do mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2010, p. 592).

Sendo o lugar no cotidiano um espaço de constante jogo de sedução e negação, cabe perfeitamente associar que os novos atores em cena, os imigrantes, estão traçando constantemente suas estratégias de sobrevivência, assim como os donos do teatro douradense.

Cabe então relatar sobre a ocupação do espaço, em que os imigrantes, a partir de suas vivências, vão dando novos significados ao lugar. Ao ocupar o município de Espírito Santo do Dourado, estes novos atores deram novas cores, novos ares à pequena cidade. Seus costumes, crenças, sotaques e, enfim, sua cultura desnudaram-se, buscando seu espaço no cotidiano do lugar, reivindicando lazer, prazer, esporte, fé e tudo mais que a vida pode crescer.

Assim, reações ao diferente são manifestadas pelos munícipes nativos, no estranhamento com a forma como se vestem, com as músicas que ouvem, como se relacionam e se comunicam. Denotamos que estas manifestações se forjam com uma noção de não pertencimento, ao analisarmos os relatos que escutamos dos douradenses sobre os imigrantes: “que deveriam mudar o domicílio eleitoral para Espírito Santo do Dourado”, “que todas as sextas-feiras a lotérica da cidade ficava com enormes filas devido às remessas de dinheiro que os ‘Tocantins’ transferem para seus parentes”, “que

estes deveriam gastar mais no comércio da cidade”, enfim, denota uma cobrança da fatura que o imigrante é submetido sob os olhos de muitos munícipes.

Observamos que a comunidade douradense está carregada desta contradição, que é expressa também quando um munícipe nativo reclama para si o direito aos serviços públicos em detrimento dos imigrantes terem o acesso igualitário àqueles mesmos serviços. Isso revela um sentimento de intrusão em relação ao imigrante. Este está ali se valendo do direito constitucional de ir e vir e de acessar às políticas públicas.

É interessante ressaltar essa dinâmica, em que os imigrantes chegam a um município para executar uma atividade que está excedente, na qual falta mão de obra ou falta de interesse pelos munícipes da cidade em exercê-la. Nesse cenário, submetem-se a um subemprego e à subcondição humana perante a percepção de muitos dos nativos e passam a conviver nessa comunidade da qual depende a sua sobrevivência, onde terão de ali se adaptar, relacionar, interagir, reclamar e conquistar para si o seu lugar. A esse respeito, Santos (2010) ressalta que,

[...] para os migrantes, a memória é inútil. Trazem consigo todo um cabedal de lembranças e experiências criado em função de outro meio, e que de pouco lhes serve para a luta cotidiana. Precisam criar uma terceira via de entendimento da cidade. Suas experiências vividas ficaram para trás e nova residência obriga a novas experiências. Trata-se de um embate entre o tempo da ação e o tempo da memória. (SANTOS, 2010, p. 598).

O que Santos (2010) retrata é que, no novo lugar, uma nova dinâmica pautará o cotidiano do migrante que terá de se valer de habilidades e astúcia para aproveitar as oportunidades e se adaptar à nova realidade. São enredos que visam à sobrevivência, entendidos numa relação de interdependência, pois torna-se óbvio entender que diversas táticas e estratégias de sobrevivência se desenvolvem em Espírito Santo do Dourado, não só as articuladas pelos imigrantes, mas também pelos munícipes nativos que precisam de mão de obra para mover seus meios de produção.

Voltando a Hall (2006), o sujeito pós-moderno vivencia as identidades de maneira deslocada, descentralizada e não contingente. Com o desencadear da globalização a partir do pós-Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento tecnológico dos meios de

comunicação e de transporte em massa fez com que as distâncias entre os povos fossem encurtadas e

[...] está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentralização do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentralização dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2006, p. 9).

Nesse cenário, as transformações ocorridas em Espírito Santo do Dourado com a crescente imigração estão mudando a identidade local ao passo que as identidades estão em intenso movimento. Nesse viés, uma nova comunidade está se aflorando, abalando de muitas formas os modos de vida. Por conseguinte, há uma série de consequências que Hall (2006) visualiza na forma como a globalização tem se desenrolado, influenciando a sociedade pós-moderna. O mesmo autor conclui seu pensamento com tendências e contratendências. Na esfera micro, é interessante destacar as contratendências, que são o hibridismo e o fundamentalismo (HALL, 2006). O hibridismo seria o surgimento de novas identidades multifacetadas; e o fundamentalismo, a retomada de identidades locais.

Um hibridismo cultural nos parece uma consequência irreversível na comunidade douradense, ao passo que o discurso de preservação da cultura do município em detrimento das culturas dos imigrantes se mostrou também sobressalente. Exemplo disso é o fato que aconteceu em 2018, quando o tema da nossa proposta de intervenção pelo Programa Expedição foi “*A integração cultural por intermédio do desenvolvimento humano e local: Espírito Santo do Dourado: o Município do Morango*”. Nesta oportunidade, tínhamos a intenção de intensificar a interação com as comunidades de imigrantes tomando como estratégia uma ideia da Gestora de Políticas Sociais, que era realizar futuramente uma Festa do Morango que, além de celebrar seus munícipes, iria se performar como uma festa da interação em que se pudesse festejar a diversidade cultural. O que prevaleceu nas discussões com os gestores municipais foi uma preocupação preservacionista, discurso corriqueiro daqueles que viemos colhendo com os munícipes mais influentes na sociedade douradense.

A região sul-mineira tem sua barreira tradicionalista. Não obstante a onda neoconservadora – que pode ter precedentes nas crises das identidades que têm abalado a compreensão que temos de nós mesmos, já que as identidades modernas estariam sendo deslocadas, descentradas e fragmentadas, conforme teorizado por Hall (2006) –, consideramos que as transformações nas características identitárias de Espírito Santo do Dourado têm percorrido seu caminho, mesmo diante do avanço de fundamentalismos que surgem em resposta aos hibridismos, na tentativa de se reafirmarem as culturas identitárias locais reacendendo os debates acerca de identidades puras enraizadas nas tradições para se contrapor ao hibridismo e à diversidade. Outrossim, foi possível notar pouco espaço de compreensão do diverso, sendo percebida uma reação a um hibridismo que estaria a avançar.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho extensionista nos levou por meio das vivências no cotidiano em Espírito Santo do Dourado a reflexões acerca da realidade dos imigrantes, vindo à tona a posição de subalternidade que ocupam, muitas vezes sendo vistos apenas como necessários para a economia do município e rejeitados como parte da comunidade douradense.

Nossa problematização, tendo como aporte a perspectiva decolonial, possibilitou que visualizássemos a população imigrante e direcionássemos nossa atuação no município em ações focadas na percepção do outro, na questão da diferença e identidade. Isto nos colocou em constante diálogo com os gestores municipais, que nos deram suporte ao compreenderem em nossa abordagem contribuições para dirimir os conflitos e promover reflexões por onde passávamos, o que possibilitou nosso retorno ao município nas edições de 2018 e 2019 do programa.

Nas várias ações promovidas pelas equipes nas edições do Programa Expedição, buscamos afirmar a diversidade humana, a pluralidade de pensamento e o princípio inclusivo. Os temas polêmicos foram sempre debatidos, em especial os que tratavam da questão imigratória. Afinal, sempre estivemos conscientes de nossa ação educativa orientada pelos preceitos freirianos que orientam a ação, “a ideia do homem como ser ‘inacabado’, inconcluso, num mundo que também está sendo construído, em processo

dinâmico” (GADOTTI, 1989, p. 66). Outrossim, também fizemos parte daquele mundo e ali estávamos como forasteiros.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Lori; ZWEETSCH, Roberto Ervino. Interculturalidade como espaço de construção de relações interétnicas decoloniais: reflexões a partir de projeto de extensão em escolas públicas. **Expressa Extensão**, [s. l.], v. 26, n. 3, p. 93-103, set./dez. 2021.

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/download/21184/pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

ÁVILA, Fábio Geraldo de. **(Re) existir e (sobre) viver entre morangos: um estudo bioético acerca de imigrantes e seus direitos**. 2020. Dissertação (Mestrado em Bioética) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BICALHO, Ramofly. A dimensão educativa e o fazer pedagógico no movimento dos trabalhadores rurais sem terra. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 23, p. 1-21, 2021.

Disponível em:

<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/5574/3338>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2008.

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm). Acesso em: 10 dez. 2021.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

DULCI, Tereza Maria Spyer; MALHEIROS, Mariana Rocha. Um giro decolonial à metodologia científica: apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a América Latina. **Revista Espirales**, [s. l.], p. 174-193, 2021. Disponível em:

<https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/2686/2472>. Acesso em: 7 jul. 2021.

FORPROEX. **Carta-Manifesto de Natal: 43º Encontro Nacional do Forproex**. Natal: Forproex, 27 jun. 2018. Disponível em:

[https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Carta\\_manifesto\\_de\\_Natal\\_2018.pdf](https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Carta_manifesto_de_Natal_2018.pdf). Acesso em: 20 set. 2021.

GADOTTI, Moacir. **Convite à Leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1989.

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. **Instituto Paulo Freire**, São Paulo, v. 15, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HANCIAU, Nubia Jacques. O entre lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: Editora UFJF; Niterói: EdUFF, 2005. p. 215-141.

IFSULDEMINAS. **Edital nº 42/2017**. [Seleção de propostas de ações de extensão para o programa institucional “Expedição IFSULDEMINAS”]. Pouso Alegre: IFSULDEMINAS, 2017. Disponível em:

[https://portal.ifsuldeminas.edu.br/images/PDFs/editaisproex2017/expedicaoifsuldeminas/Edital\\_ExpedicaoIFSULDEMINAS\\_2017.pdf](https://portal.ifsuldeminas.edu.br/images/PDFs/editaisproex2017/expedicaoifsuldeminas/Edital_ExpedicaoIFSULDEMINAS_2017.pdf). Acesso em: 6 jul. 2021.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MUNSBURG, João Alberto Steffen; SILVA, Gilberto Ferreira da. A interculturalidade como estratégia de aproximação entre pesquisadores brasileiros e hispano-americanos na perspectiva da descolonização. **ECCOS**, São Paulo, n. 45, p. 21-40, jan./abr. 2018.

Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/eccos/n45/1983-9278-eccos-45-21.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009.

SANT’ANA, Wallace Pereira; LEMOS, Glen César. Metodologia científica: uma pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 4, n. 12, p. 531-541, 2018. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/329552583\\_METODOLOGIA\\_CIENTIFICA\\_a\\_pesquisa\\_qualitativa\\_nas\\_visoes\\_de\\_Ludke\\_e\\_Andre](https://www.researchgate.net/publication/329552583_METODOLOGIA_CIENTIFICA_a_pesquisa_qualitativa_nas_visoes_de_Ludke_e_Andre). Acesso em: 10 mar. 2022.

SANTOS, Milton. O lugar e o cotidiano. In: SOUZA SANTOS, Boaventura; MENEZES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 584-602.

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. **Grupo de Pesquisa em Extensão Popular**, [s. l.], v. 13, n. 8, p. 1-15, 2013.

Disponível em: [https://crystine-tanajura.webnode.com/\\_files/200000021-e6560e752b/conceitos\\_de\\_extensao\\_universitaria.pdf](https://crystine-tanajura.webnode.com/_files/200000021-e6560e752b/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf). Acesso em: 19 dez. 2021.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas**, Pelotas, v. 5, n. 1, jan./jul. 2019. Disponível em: [https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/revistadireito/article/viewFile/15002/10532#:~:text=Na%20Am%C3%A9rica%20Latina%2C%20e%20particularmente,epist%C3%AAmico%20orientado%20em%20dire%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0](https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/revistadireito/article/viewFile/15002/10532#:~:text=Na%20Am%C3%A9rica%20Latina%2C%20e%20particularmente,epist%C3%AAmico%20orientado%20em%20dire%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0.). Acesso em: 10 mar. 2022.

Enviado em: 13-06-2022

Aceito em: 18-09-2022

Publicado em: 12-10-2022